

A LITERATURA E A MÚSICA COMO INSTRUMENTOS CULTURAIS DE ENSINO

LITERATURE AND MUSIC AS CULTURAL TEACHING INSTRUMENTS¹

Marcelo Fabrício da Frota¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo retratar o uso de ferramentas culturais - literatura e música - no processo de ensino e aprendizado dentro das redes de ensino, a fim de auxiliar na compreensão e reflexão sobre a cultura brasileira. Em relação a essa temática, apresenta-se uma análise e reflexão sobre autores e suas respectivas obras, as quais vêm ao encontro à compreensão e possíveis debates em salas de aulas, com a inserção de temas que podem ser estudados dentro da cultura brasileira, se tornando assim, um meio para que os indivíduos possam se situar como cidadãos atuantes na história e no contexto atual do Brasil. Para a realização deste trabalho, partiu-se de uma abordagem teórica que foi embasada em autores como Azevedo (2010), Bosi (2015), Candido (1988), Freire (1979), Leontiev (1978), Mota (2014), Oliveira (2003) e Severino (1994). Por meio deste artigo verifica-se o quão importante é o uso de ferramentas culturais, tais como a literatura e a música no processo de ensino e aprendizado.

Palavras chave: Cultura. Educação. Música. Literatura.

ABSTRACT

This article aims to portray the use of cultural tools – literature and music - in the teaching and learning process within educational systems, in order to help in understanding and reflecting on Brazilian culture. In relation to this theme, there is an analysis and reflection on authors and their respective works, which meet the understanding and possible debates in classrooms, with the inclusion of themes that can be studied within Brazilian culture, if thus making it a means for individuals to situate

¹ Bolsista (PPGE e CAPS), mestrando no programa de pós-graduação stricto sensu Educação nas Ciências.

themselves as active citizens in the history and current context of Brazil. To carry out this work, a theoretical approach was used based on authors such as Azevedo (2010), Bosi (2015), Freire (1979), Leontiev (1978), Mota (2014), Oliveira (2003) e Severino (1994). This article shows how important the use of cultural tools, such as literature and music, is in the teaching and learning process.

Keywords: Culture. Education. Music. Literature.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre a cultura brasileira na sociedade contemporânea é debruçar-se sobre a diversa formação étnica do povo brasileiro. Nossos hábitos culturais descendem de elementos e influências de povos distintos, como indígenas, africanos, portugueses, espanhóis, italianos, entre outros. Essa diversidade deve-se à colonização e posteriormente, à imigração.

Fato é que, este processo adicionou elementos a nossa cultura, adições estas, inevitáveis, pois elencamos a nossa cultura elementos característicos das demais culturas. Estes elementos tiveram influência na música, na literatura, na culinária, em festas tradicionais como o carnaval, na religião, entre muitas outras.

A cultura brasileira como é conhecida hoje, teve mudanças significativas durante o período da Revolução Industrial, o qual foi um marco para o progresso, impulsionando todas as áreas desde comerciais até a educacional. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, verifica-se a implementação de ferramentas tecnológicas no processo de ensino, foi também nesse processo que na música, cinema e literatura ocorreram mudanças significativas, as quais vieram a se refletir no sistema educacional.

Partindo desse contexto, essa escrita busca mostrar uma pesquisa qualitativa feita sobre o processo de ensino na sociedade contemporânea, sendo que para isso, serão analisados o uso de ferramentas culturais, tais como a literatura e a música, e como essas ferramentas podem auxiliar o professor no cumprimento de suas tarefas pedagógicas.

Tendo isso em vista, primeiramente será abordada a questão do ser professor na sociedade contemporânea, posto que o ensino e a aprendizagem venham se modificando e as ferramentas culturais anteriormente citadas, possam a estar cada vez mais presentes no processo de ensino, auxiliar o educando em seu processo de aprendizagem cultural, além de situá-lo dentro desta vasta miscigenação que é a cultura brasileira.

1. O SER PROFESSOR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932, representava um conjunto de ideias com o objetivo de dar um novo rumo à educação brasileira. As ideias inovadoras contidas no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova mostram-se válidas até hoje e sua importância para a educação pode ser medida pelo peso e influência que desempenhou na história da educação brasileira.

Revolucionário para a época, o Manifesto trazia em seu corpo a ideologia de uma escola para todos, gratuita, laica e voltada para uma educação de qualidade, independente de classe social. Como mencionado anteriormente, as reivindicações do Manifesto se mostram atuais até hoje, e embora, tenhamos tido avanços, e tenhamos escolas que em muitos estados comportam o número de estudantes do Brasil de hoje, a qualidade do ensino, tal qual expressa no manifesto, ainda é um objetivo não alcançado.

Os problemas enfrentados pela educação são problemas de longa data e sua resolução, se algum dia houver, será dada não apenas pelos governos, mas por uma mudança de postura da sociedade. Ensinar não é um processo simples, e é por isso que o professor necessita ser um sujeito em mutação, um sujeito que deve e precisa se integrar a seu tempo, trazendo para sua docência tanto as substâncias quanto os meios para se tornar relevante em sala de aula, assim como, para tornar suas aulas relevantes e atrativas às diversas realidades culturais do Brasil.

O professor tem a necessidade de se integrar ao tempo presente, sem, é claro, deixar de lado seu papel de educador. O ser professor na atualidade envolve tanto manter sua postura como fonte de conhecimento, quanto à autoridade que o cargo lhe concede. Além dessas duas características, o professor também precisa saber se comunicar com seus aprendizes. Por se comunicar, refiro-me à questão de falar a linguagem do aluno, entender o que se passa com essa geração a qual ele tem o compromisso de ensinar.

Obviamente, não é necessário que o professor seja uma enciclopédia ou uma *Wikipédia* ambulante. Para compreender o modo de aprendizagem da geração para a qual ele ensina, se faz necessário saber quais são os gostos e interesses pessoais destes aprendizes, isso se torna uma ferramenta para “atingi-los” durante o processo de ensino, ou seja, conhecer aquilo que os cerca.

Obras cinematográficas como *Carandiru* (2003), *Cidade de Deus* (2002), *O Auto da Compadecida* (2000), *Central do Brasil* (1998), entre outros, assim como músicos:

Chico Buarque, Caetano Veloso, Cássia Eller, Raul Seixas, entre tantos outros podem auxiliar no processo educativo. Assim como escritores, tais como: Guimarães Rosa, Clarisse Lispector, Ferreira Gullar, com suas narrativas únicas e diferenciadas, podem ser um meio de chegar à realidade cultural dos estudantes e com isso “ganhar” sua empatia.

Com o uso dessa abordagem, em tentar chegar aos educandos através de suas experiências, consegue-se ensinar e se fazer ouvir. Ensinar usando aspectos culturais pode tornar as aulas mais acessíveis aos estudantes, justamente por trazer para as salas de aulas, coisas que são do cotidiano dos mesmos. Através das referências citadas acima, juntamente com muitas outras, consegue-se chamar a atenção dos educandos para os conteúdos das aulas.

Um dos aspectos apontados pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova é a questão cultural. Segundo o Manifesto (p. 34): “Nunca chegamos a possuir uma “cultura própria”, nem mesmo uma “cultura geral” que nos convencesse da “existência de um problema sobre objetivos e fins da educação.”” Tal afirmação poderia ser verdadeira nos anos 1930, mas, desde a publicação do Manifesto, o Brasil passou por várias revoluções culturais, mais notadamente no cinema e na música.

Com o intuito de mostrar que o Brasil possui uma cultura própria, atemporal e “de massa”, o presente artigo propõem-se traçar um panorama dos músicos e escritores que ajudaram a formar a identidade cultural brasileira. Devido ao tamanho desse recorte, é dado destaque aqueles que a sua maneira, e com o uso de sua arte, transgrediram barreiras, romperam paradigmas e se tornaram referências tanto no Brasil, quanto no exterior.

2. A LITERATURA E A MÚSICA COMO FERRAMENTAS CULTURAIS NO PROCESSO DE ENSINO

A literatura além de ser considerada uma ferramenta cultural, é vista como um elemento fundamental na construção do pensamento social. A literatura por assim sendo, torna-se um material rico de conhecimentos que vem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, seja no ensino escolar (fundamental e médio), seja no campo acadêmico.

Por almejar uma direção aos verdadeiros valores da nacionalidade, evidencia crenças e percepções pessoais, possibilitando que o educador a utilize como ferramenta

cultural em prol da reflexão de seus alunos, ou seja, este indivíduo vem a obter a possibilidade de refletir no modo de ver a vida e de estar no mundo.

A literatura se encontra em constante evolução assim como o mundo. Nesse sentido verifica-se que a literatura ganhou espaço entre o povo brasileiro desde o período colonial, e desde então, vem auxiliando no processo histórico e educacional desta nação. Mas foi a partir de meados do séc. XIX que a literatura se consolida, passando a ter uma maior interação entre autores e seus respectivos público-leitores.

A literatura no Pós-Modernismo se caracteriza pela diversidade de obras, isso ocorre na medida em que o Brasil e o mundo experimentam diversas mudanças ocorridas principalmente com o fim da Segunda Guerra Mundial. A partir do golpe militar de 1964, ocorre uma intensificação no processo de ensino, ou seja, nos estudos e pesquisas em programas de pós-graduação de educação. A educação e a literatura acabaram se tornando temas para discussões e objetos de pesquisas em estudos sistemáticos produzidos por pesquisadores da área da literatura, realizando um diálogo crítico com as ciências da educação.

Verifica-se então que a literatura está diretamente ligada à questão cultural. Segundo Oliveira (2003, p. 135), “cada povo tem uma cultura própria. Cada sociedade elabora sua própria cultura e recebe a influência de outras. [...] Desde que nasce um indivíduo é influenciado pelo meio social em que vive”. Perante essas palavras, Oliveira nos faz entender que não há ser humano desprovido de cultura.

Freire (1979, p. 30) corrobora no entendimento de cultura quando afirma que “cultura é tudo o que é criado pelo homem”. Ou seja, segundo Kluckhohn (1963, apud OLIVEIRA, 2003, p.135), a cultura é “a vida total de um povo, a herança social que o indivíduo adquire de seu grupo. Ou pode ser considerada a parte do ambiente que o próprio homem criou”. Portanto, “cultura é o conjunto dos objetos resultantes das atividades produtivas, sociais e simbólicas dos homens” (SEVERINO, 1994, p. 81).

Com base nisso, percebe-se que a literatura como ferramenta cultural, vindo de auxílio no processo de ensino e aprendizagem, traz autores que marcam em seus processos de escrita, pois levam ao extremo a exploração de novas linguagens, tornando-se verdadeiros “inventores” de novos campos literários. Além disso, vale ressaltar, que cada escritor trás na escrita, elementos culturais próprios de cada época em que a obra foi escrita.

No Brasil, essa fase ficou marcada com obras de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Vinicius de

Moraes, Ferreira Gullar, entre outros, que valorizavam o pluralismo de estilo e a mistura de gêneros, pois esses escritores eram nutridos de leituras anteriores pessoais e históricas, além de levar em conta as leituras estrangeiras que passam a incorporar em suas obras.

Tais autores valorizaram as referências literárias trazidas por eles, sendo estas, refletidas através de sua escrita. Tais informações culturais podem ser vistas em paródias, citações e no uso das paráfrases em um contexto intertextual. Nesse processo de escrita, os autores desaparecem com a figura do herói para interiorizá-la em um profundo olhar sobre o homem que recai sobre eles mesmos. Durante as narrativas, recusam-se em utilizar o uso da ordem tradicional e valorizam a evolução do romance pela forma.

Alguns autores, como citado anteriormente, foram marcantes no estudo da literatura brasileira, e através de suas escritas, mudaram a forma de ver o mundo de muitos leitores. Um exemplo a ser citado é a autora Clarice Lispector que em suas narrativas lembra o intimismo de Cecília Meireles, mas que possui como eixo principal o questionamento do ser, a pesquisa do ser humano, que resulta em obras mais introspectivas.

Clarice Lispector se manteria fiel às suas primeiras conquistas formais. O uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual tem sido constantes do seu estilo de narrar que, na sua manifesta heterodoxia lembra o modelo batizado por Umberto Eco de “*opera aperta*”. Modelo que já aparece, material e semanticamente, nos últimos romances, *A Paixão Segundo G.H* e *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. (Bosi, 2015, p. 452)

A obra *A Paixão Segundo G.H* pode ser considerada um romance de educação existencial, ao contrário de outras obras escritas por Clarice Lispector, pois se aproximava do mundo exterior como quem abrandava a afetividade e afia a atenção do leitor. Conforme a leitura da obra colhe-se uma atmosfera de busca de significações raras, ou seja, absorve o mundo pelo *eu*. Na narrativa observa-se:

O monólogo de G.H., entrecortado de apelos a um ser ausente, é o fim dos recursos habituais do romance psicológico. [...] Há um contínuo denso de experiências existenciais. E, no plano ontológico, há o encontro de uma consciência, G.H., com um copo em estado de neutra materialidade, a massa da barata. (Bosi, 2015, p. 453)

As obras *A Paixão Segundo G.H* e *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, são datadas em 1964 e 1969 respectivamente. Em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, percebe-se o conflito entre as tensões sexuais e o vazio existencial na vida da

protagonista Lori. Neste livro, Clarice Lispector traz uma protagonista à frente de seu tempo, que se deixa levar pela busca do prazer e não teme os julgamentos da sociedade. É um exemplo da emancipação feminina quando a mulher ainda estava sob o julgo de uma sociedade opressora a seus desejos e anseios. A escrita de Lispector se anuncia na esfera da ficção, como também, dá-se de forma introspectiva no romance, pois se volta para um horizonte social, ressaltando as vicissitudes do regionalismo em nossos dias.

Quando mencionamos o regionalismo, dois autores são essenciais no processo educativo, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. Quando se estuda Guimarães Rosa faz-se entender uma antiga verdade “os conteúdos sociais e psicológicos só entram a fazer parte da obra quando veiculados por um código de arte que lhes potencializa a carga musical e semântica” (Bosi, 2015, p. 458).

Uma de suas obras, considerada marcante no estudo da literatura brasileira é *Grande Sertão: Veredas*, publicado em 1956, a qual acaba por abolir intencionalmente as fronteiras entre narrativa e lírica que possui forças virtuais da linguagem, as quais se fazem em um uso obstante para a abordagem do romance moderno. Guimarães Rosa é considerado um ‘bruxo’ nas palavras, pois apresenta uma linguagem repleta de arcaísmo, neologismo, entre outras distintas e variadas expressões.

Grande Sertão: Veredas e as novelas de *Corpo de Baile* incluem e revitalizam recursos da expressão poética: células rítmicas, aliterações, onomatopeias, rimas internas, ousadias mórficas, elipses, cortes e deslocamentos de sintaxe, vocabulário insólito, arcaico ou de todo neológico, associações raras, metáforas, anáforas, metonímias, fusão de estilos, coralidade. Mas como todo artista consciente, Guimarães Rosa só inventou depois de ter feito o inventário dos processos da língua. Imerso na musicalidade da fala sertaneja, ele procurou, em um primeiro tempo (*Sagarana*), fixa-la na melopeia de um fraseio no qual soam cadências populares e medievais. (Bosi, 2015, p. 459)

É possível perceber pela citação de Bosi (2015), que Guimarães Rosa utiliza-se do mitopoético na construção de sua escrita romanesca. Com isso verifica-se que sua obra se situa na vanguarda da narrativa contemporânea, ou seja, se encontra próximo aos limites entre o real e o surreal, explorando com paixão as dimensões conscientes do ser humano.

Por outro lado, Graciliano Ramos percebe de maneira indistinta, a representação, em termos de romance moderno brasileiro, o ponto mais alto de tensão entre o *eu* existente do escritor e da sociedade que o formou. Percebe-se então que o autor notava em cada personagem a face oblíqua da opressão e da dor. Com isso, temos a ligação

inerente entre o homem e o meio, onde cada matriz se torna uma ruptura. Uma de suas obras que marcam o estudo literário brasileiro é *Vidas Secas*.

Vidas Secas norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo. Escrevendo sob o signo dialético por excelência do conflito, Graciliano não compôs um ciclo, um todo fechado sobre um ou outro polo da existência (eu/mundo) mas uma série de romances cuja descontinuidade é sintoma de um espírito pronto à indagação, à fratura, ao problema. (Bosi, 2015, p. 429)

Seguindo o raciocínio de Bosi (2015), nota-se que a realidade de Graciliano Ramos não pode ser considerada orgânica nem espontânea, mas sim crítica. Mediante as palavras de Graciliano, Bosi afirma que “[...] o “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível” (Bosi, 2015, p. 429).

Além desses autores, que trazem através de seus romances ricos em significados, poética e questionamentos, faz-se necessário ressaltar a questão da poética, a qual se encontra em autores como Ferreira Gullar e Chico Buarque. Aos que podem pensar que Chico Buarque não se encaixaria na poética literária, muito se enganam, pois Buarque não é só um letrista e musicista, mas sim um poeta que por meio de sua música traz o mesmo tom de conscientização e construção do pensamento humano.

Primeiramente citar-se-á o poeta Ferreira Gullar, que com a obra *A Luta Corporal*, abriu caminho para a afirmação da poesia concreta no Brasil, por meio de seu esforço construtivo à invenção do poema. Sua escrita é marcada por uma alta tensão psíquica, e ideológica, que por muitas vezes não se resolve no persistente trabalho de execução formal.

Segundo Bosi (2015, p.506), “Gullar deixou de lado os experimentos em que intervinha no corpo da palavra e passou a veicular a própria mensagem em códigos modernos, sem estar organicamente presos a estrutura do verso que o concretismo iria esconjurar”. Três brilhantes exemplos disso são encontrados nas obras datadas em 1962, que são: *João Boa-Morte*, *Cabra Marcado pra Morrer* e *Quem Matou Aparecida*, os quais introduzem temas e ritmos da literatura de cordel, e novos poemas atrelados à segunda edição de *A Luta Corporal*.

Gullar se torna o poeta do cotidiano, que por meio das palavras traz as dimensões – ao mesmo tempo – de forma escura e vibrante do corpo, por isso ele é

reconhecido como poema da carência, do desejo, da mais cálida e sofrida oralidade. Bosi afirma que os textos de Ferreira Gullar são:

[...] participantes sejam quais forem os temas que ele trabalha: noticiando a morte do homem quase anônimo ou pranteando o fim de Che Guevara, é sempre a mesma voz que sopra em cada palavra o hálito da vida. Esse dom generoso ditou-lhe o Poema Sujo (1976), em que se tocam, imantados pelo discurso da evocação, o puro mito e a mais crua mimese. (Bosi, 2015, p. 507)

Na obra *Poema Sujo*, verifica-se que Gullar faz referência à memória que o mesmo continha de São Luís do Maranhão, cidade do poeta. Percebe-se diante as palavras do autor, que memória, saudade e desespero se entrelaçam em suas rimas. A poesia nesta obra encontra sua vocação musical de abolição ao tempo, em um paradoxo com a arte do espaço, explorando o próprio cerne da duração.

Por outro lado, a poesia de Chico Buarque expressa suas inquietações. Buarque estabeleceu importância à semântica presente em suas produções, e pelas quais, pode-se evidenciar os problemas da sociedade brasileira. Em suas composições, o músico/poeta recende a poesia, esquadrinha a alma humana, pinça Deus e diabo nos detalhes e, sobretudo, subverte a lógica, o sistema e a literatura em suas composições.

Sua escrita se torna um convite à pesquisa e ao entendimento mais profundo do nosso ser. Quando se fala de Chico Buarque, por outro lado, fala-se no presente, mesmo que o presente nos arremeta ao passado, pois suas composições estão carregadas de características de momentos de angústia, muitos destes momentos vividos no período chamado “anos de chumbo²”.

Por meio da poesia de Chico Buarque, pode-se traçar um paralelo de épocas passadas com os dias atuais, pois é retratado um país eufórico com a chegada da modernidade dos “Anos Dourados³” – década de 1950. Já no início dos anos 1960, nota-se em sua escrita, um ser que se rebela contra a falta de liberdade, liberdade essa censurada/sequestrada pelo golpe militar de 1964, que com sua repressão e proibição mudou a forma de se fazer arte no Brasil.

O recorte temporal da Ditadura Militar foi tomado como referência para diversas obras literárias, cinematográficas e musicais, e Chico Buarque, por meio de sua música e poesia, trouxe elementos da música de protesto para o samba, em muitos casos burlando a censura com trocadilhos e frases de duplo sentido que passavam

² Período da história correspondente à ditadura no Brasil abarca o final dos anos 1960 e início dos anos 1970.

³ Década dos anos 1950, período da história marcado por grandes transformações econômicas, políticas, científicas e tecnológicas.

despercebidos aos censores e tornaram-se insumo para o estudo da época da ditadura. Três exemplos se encontram nas composições de canções como *Construção*, *Meu Caro Amigo* e *Apesar de Você*.

Em *Construção*, Chico Buarque consegue desenhar o cotidiano amargo do operário de “olhos embotados de cimento e lágrima”, que “sentou para descansar como se fosse sábado”, num inesquecível edifício de proparoxítonas. Já *Meu Caro Amigo*, de 1976, parece um pedido de socorro. A música é uma carta gravada, com o intuito de informar que “aqui na terra tão jogando futebol / tem muito samba, muito choro e rock and roll / uns dias chove, noutros dias bate sol / mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta”.

Apesar de Você traz em seus versos a melancolia e o ultrage sentido pelo poeta para com a Ditadura Militar, ao mesmo tempo em que a esperança encontra espaço na medida em que a canção avança para seu final. A canção inicia-se com os versos “Hoje você é quem manda/falou, tá falado/não tem discussão, não”, mostrando que o comando do país havia sido tirado do povo e que não havia espaço para contestação.

O avanço de *Apesar de Você* traz a esperança, como mencionado anteriormente. Versos como “Quando chegar o momento/esse meu sofrimento/vou cobrar com juro, juro”, e “Você vai ter que ver/a manhã renascer/e esbanjar poesia” mostram que os caminhos para a retomada da democracia e o retorno da liberdade estão “logo ali”, estão próximos que podem quase ser sentidos. Como sabemos, não foi tão rápido assim, pois uma sociedade tomada pelo autoritarismo sofre diariamente, e esse sofrimento nunca é curto.

Futuramente, Chico Buarque se aventurou pelos caminhos do romance, revelando-se um grande escritor. Livros como *Estorvo* (1991), *Benjamin* (1995) e *Budapeste* (2003), apenas para citar alguns, se mostram sucesso de crítica e público e revelam uma poderosa força narrativa, ao mesmo tempo em que retratavam um Brasil onírico, mundano, poético e violento.

O ano de 2019 foi marcado na literatura com a chegada da obra *Essa Gente*, onde Chico Buarque busca trazer ao leitor uma reflexão sobre a situação em que nos encontramos hoje. Neste romance Buarque revela o cotidiano de um escritor que percebe as ramificações do fascismo mascarado após a eleição de Jair Bolsonaro. O fanatismo e a ignorância do ‘Brasil Acima de Todos’ são desnudados com leveza e precisão à medida que Buarque mostra o cotidiano de vizinhos e amigos que mal conseguem camuflar seu preconceito e ignorância. A produção literária de Chico

Buarque se equipara a sua parte musical, e mostra a consistência do poeta ao transitar pelos gêneros literários.

Ao entramos no campo da música, o gênero literário que nos vem à mente é a poesia. A estrutura tanto da música (composição/letra) se assemelha muito com a poesia. Diferente da música que dá seu tom por meio do canto e da sonoridade das melodias, a poesia dá seu tom quando é declamada. Alguns poetas como Buarque, como mencionado anteriormente, assim como Vinicius de Moraes, compõem poesias voltadas para a musicalidade, ou seja, poemas que se tornaram canções.

Música de boa qualidade sempre existirá, assim como letras que tragam significados, que se encaixe em contextos culturais e que ao ser interpretada toque não só nos sentimentos - prazer, saudade, alegria, tristeza, etc.- mas também na alma e na mente. E isso só é possível quando grandes músicos e musicistas possuam uma grande capacidade de interpretação e composição.

Compositores/interpretes famosos como Cazuza, Raul Seixas, Renato Russo, Elis Regina, Rita Lee, Cássia Eller, Luiz Gonzaga, entre outros, trazem por meio da musicalidade, letras, ou melhor, poemas, onde cada um possui um significado e nos deixam fortes reflexões. A música assim como a literatura, quando bem posicionada em um plano de aula, vem a surtir efeitos positivos para o educando.

Pode-se afirmar que a literatura é uma grande fonte de conhecimento no processo de ensino e aprendizagem, como evidenciado no Manifesto da Educação de 1932, que aborda a importância da educação para a nação brasileira, vale reforçar que a questão econômica e política interferem drasticamente no processo educativo e até mesmo como a educação é vista pelo povo brasileiro.

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade o da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade. (Azevedo, 2010, p. 33).

Além disso, vale salientar Mota (2014, p. 64):

[...] a chamada “cultura brasileira” não chegaria a atingir, com regularidade e amplitude, 50 mil pessoas, num país de 90 bilhões de habitantes. Não será difícil, a partir dessa referência, afirmar que a historiografia brasileira é altamente elitizante, sua elaboração ficando nas mãos de um segmento social muito restrito, servindo no mais das vezes para recompor a saga das oligarquias em crise, ou justificar a ação política da hora.

A citação de Mota (2014) se faz verdadeira quanto à questão da historiografia brasileira como sendo altamente elitizante. No quesito cultura, ousou discordar do raciocínio do autor, em razão dos exemplos apontados anteriormente nesta escrita quanto à questão do Brasil não possuir uma cultura de massa. Essa cultura de massa está presente na música e na literatura, assim como em festas populares como o carnaval e tem sido também abordada de forma perspicaz e cada vez mais constante no cinema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de ferramentas culturais como auxílio no estudo da cultura brasileira e seu papel na literatura e no ensino da história pode tornar-se um forte aliado do professor em seu planejamento pedagógico. A literatura como expressão do regionalismo, assim como representação da época em que foi composta pode auxiliar o professor a ensinar tanto história e literatura, como as características do recorte temporal em que a mesma se insere.

A utilização da poesia seja em forma de versos ou canções pode ser uma forte aliada para retratar o período abordado pelo professor, como exemplo, a obra de Chico Buarque durante o período da Ditadura Militar, em que é possível observar os anseios de uma juventude e partes da sociedade em busca da liberdade democrática e de expressão.

O ensino de história e literatura pode tornar-se mais impactante com a utilização da cultura produzida na época, e mesmo que o cinema não seja abordado neste artigo, é também uma ferramenta cultural que se torna aliada como recurso pedagógico, podendo ser intercalado com a literatura e a música.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando de. **A Reconstrução Educacional do Brasil:** ao povo e ao governo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Rio de Janeiro, 1932.

AZEVEDO, Fernando. **Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959.** [et al.]. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Visualizado em: 02/01/2020. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf> >

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** 50 ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. (Trad.) Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martins. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978. 350p.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974):** ponto de partida para uma revisão histórica. São Paulo; Editora 34, 4ª edição. 2014. 424 p.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia**. 24 ed. São Paulo: Ática, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da educação:** construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.